



PÉREZ, María Teresa Gallego. “Vida y muerte en el Corpus Hippocraticum”.

Ediciones Clásicas: Madrid, 2015, 469 p., ISBN 8478827986.

Book Review

Rodolfo Rachid¹

e-mail: rodolfoforachid@uol.com.br

orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7207-2909>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.25098>

Resultado de um longo percurso acadêmico, tendo culminado na realização de tese de doutorado apresentada em 2011 na Universidade Complutense de Madri, *Vida y muerte en el Corpus Hippocraticum* evidencia a minudente pesquisa da professora María Teresa Gallego Pérez a respeito dos tratados médicos do referido *corpus*, examinando-os no âmbito rigoroso da filologia grega, iluminando-os mediante os diversos campos dessa matéria, correlatos à fonética, morfologia, sintaxe, estilística, semântica, lexicografia, crítica textual, entre outros. A autora circunscreve sua análise às concepções seculares de vida e morte, atestadas nos mencionados textos, ressaltando a premência de se trabalhar com edições estabelecidas consoantes os critérios fidedignos de exigência da filologia grega atual.

Remontam às últimas décadas do século V a.C. os primeiros escritos hipocráticos, redigidos em jônico literário, o dialeto grego mais prestigiado da época. Registram-se, no âmbito da fonética, similaridades com as inscrições jônicas da época, podendo-se aferir nos manuscritos mais fidedignos, de acordo com Pérez, uma mescla de ático e jônico, respeitada pelos melhores editores, de modo que nos escritos tardios não são raras formas jônicas anômalas, introduzidas, por sua vez, por redatores convencidos da necessária supressão de aticismos nos textos em questão. Sobejam em morfologia sufixos, aptos para a criação de inúmeros substantivos, adjetivos e verbos, próprios a uma língua técnica, ao passo que a sintaxe demonstra o predomínio da parataxe, distribuição assindética, desenvolvimento incipiente da subordinação, abundância de orações relativas, presença constante de oração nominal pura, extrema concisão de certas braquilogias, numerosos traços dêiticos, tanto anafóricos quanto catafóricos, entre outros. Pérez assinala o caráter técnico do conteúdo dos tratados e de determinadas passagens, compelindo o estudioso a considerar a disposição mnemotécnica e a preclara braquilogia dos textos médicos.

¹ Doutor em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil.

Ressaltando o estilo variegado de seu objeto de pesquisa, constituído no decurso de sete séculos, como um dos eixos norteadores de sua ampla investigação, Pérez propugna que alguns hipocráticos são profundos conhecedores dos recursos retóricos, de forma que *Sobre os flatos* e *Sobre a arte médica* configuram primeiros exemplos da prosa científica grega, construídos com acuidade e preclaro artifício, podendo-se aferir em sua esmerada composição uma estrutura trimembre, formada por exórdio, argumentação e epílogo. Todavia, a plêiade de autores médicos evita os excessos sofisticos e retóricos, mostrando-se versada e culta, dotada de um bom conhecimento da literatura grega primeira, particularmente de Homero, informando-se também da filosofia jônica, enquanto alguns tratados, dentre os quais se destaca *Sobre os humores*, apresentam uma intrincada sintaxe, cujo conteúdo não é menos árduo que a forma caótica em que se coligem palavras e frases carentes de relação e ordenamento. Pérez professa a relevância dos *Aforismos*, cuja fama e influência na medicina ulterior são atribuídas tanto à sua matéria excelsa quanto à sua estrutura literária, uma vez que o aforismo se conforma na tradição gnomológica, com suas sentenças breves, concisas e de validade universal, remontando a Homero. Afere-se que os escritores hipocráticos conheciam frases gnômicas análogas àquelas legadas por Heráclito e Demócrito, de sorte que os Sofistas, assim como Tucídides, recorreram posteriormente à sintaxe aforismática a fim de formular sentenças modelares, provérbios e refrãos, cuja disposição, paralelismo dos membros nas frases, ordem das palavras e certa aliteração possibilitam sua retenção mnemônica.

Pérez estabelece a chamada teoria dos “campos semânticos” para pensar a interdependência entre a semântica e a sintaxe gregas, porquanto o léxico de uma língua imbrica-se com os diversos níveis de linguagem, momento histórico especial, com as inovações dialetais, assim como com as contribuições de escritores paradigmáticos, atentando-se para as subclasses de palavras, a diacronia e sincronia, sinonímia e antônimos, variações contextuais entre outros, dando prevalência à forma, função, distribuição e sentido das classes de palavras, compostas por substantivos, adjetivos, verbos e advérbios, não descurando das oposições binárias, que, comprovadas em estudos de fonologia e gramática, foram aplicadas assim nas pesquisas de semântica. Postulando os textos médicos como fonte primária de sua tese, Pérez emprega o *Concordantia in Corpus Hippocraticum* e o *Index Hippocraticus* a fim de elucidar a miríade lexical presente em seu objeto de estudo. Se o primeiro exemplifica o número de aparições de determinado termo, inserindo-o em um contexto, o segundo discerne questões de crítica textual, adotando como base as melhores edições do *corpus*, remetendo, à medida do possível, ao volume, página e linha do cânone de Littré, sendo, nos parâmetros da *recherche* filológica, instrumento imprescindível de trabalho. Configura-se, também, critério essencial de análise textual a tradução, uma vez que a autora escolhe por traduzir fidedignamente as passagens em que se registram os léxicos investigados, correlatos às noções de vida e morte, sendo, por vezes, literal, buscando a clareza e evidências estilísticas, evitando uma tradução demasiadamente poética, que ocultaria decerto o conteúdo e a disposição dos materiais do original.

Escrutinando as múltiplas formas verbais que manifestam a noção de vida, a helenista reconhece no verbo *diágo*, composto de *ágo*, os exemplos mais conspícuos para o seu escopo, podendo ser aferido em muitos tratados, correlato aos processos vitais necessários à manutenção da vida. As flexões verbais elencadas pela autora dão a ver a preclara conotação de “manter-se vivo” ou, simplesmente, “viver”. Em *Sobre as afecções internas*, o campo da vida está representado pelo sintagma *tòn loipòn tou chrónou diáxei* em paralelismo com o sentido da morte, representado pelo verbo *apothnéiskei*, de modo que a passagem explicita o decurso temporal que realiza o trânsito dos contrários, da vida para a morte, da gênese para a corrupção. Pérez enuncia substantivos precípuos que deslindam seu propósito como *aión* e *bíos* com suas respectivas famílias léxicas. Recorrendo a Pierre Chantraine, estabelece que *aión*, substantivo masculino e excepcionalmente feminino por analogia com *psykhé*, designa a força vital, a vida, duração e eternidade, atestado tanto em Homero quanto no jônico-ático. Seu sentido primitivo é de força vital, comprovado por seu declarado paralelo com *psykhé*, registrado nos Cantos XVI e XIX da *Iliada*, significando, por conseguinte, em certos textos hipocráticos, a medula espinhal, porque designa a sede da vida, ocorrendo, destarte, o que Clémence Ramnoux chama, em seu estudo sobre Heráclito, uma transmutação de sentidos em profundidade, pois *aión* passa a definir nos trágicos a duração de uma vida, a geração assim como a duração no jônico-ático e, finalmente, nos filósofos, particularmente na cosmologia platônica, a eternidade, concebida como a vida duradoura e sempiterna, em nítida oposição a *kehrónos*.

Presente desde Homero, o substantivo masculino *bíos* alcança um amplo campo semântico com suas implicações ontológicas e gnosiológicas, destacando a reconhecida sentença presente nos *Aforismos*, “a vida é breve, a arte é longa”, em que o primeiro vocábulo precedido do artigo, *bíos*, referente à vida humana, qualificada, por sua vez, de *brakhús*, é contraposto por extensão à *tékhne*, considerada *makré*. Em *Sobre o Regime*, afere-se a prevalente estrutura sintática *phýsin anthrópou kaí bíon taúta mimeítai* em que *taúta* corresponde no escol do pensamento médico às coisas visíveis e invisíveis, que, por sua vez, imitam a natureza e a vida humanas, de modo que o varão, tendo se unido à mulher, engendra um rebento. Da família léxica de *bíos* se registra a forma nominal *biósimos*, adjetivo, podendo-se traduzir como “apto a viver”, “digno de ser vivido”, apresentando as condições anatômicas e fisiológicas indispensáveis para certa duração da vida, verificado desde Sófocles, Heródoto e Eurípidés e presente em passagens estratégicas do *corpus* hipocrático, comumente vinculado ao advérbio de negação, como em *Sobre a Superfetação*, “incapaz de viver”. Concernente a *bióo*, o tema do presente é uma inovação averiguada em Empédocles, Demócrito e Hipócrates, e parece ser de origem jônica, cuja forma verbal não se desenvolve plenamente. Se a forma do aoristo desaparece desde os textos helenísticos, o infinitivo do aoristo *biónai*, registrado desde Homero, corresponde, desde a época helenística, ao presente *zên*, que se impôs no grego tardio, possibilitando, por sua vez, a criação do aoristo *ezésa*, de modo que em ático o tema *zên* significa “estar vivo”, com nítida conotação biológica, ao passo que *biónai* designa “viver de certo modo”, “passar a vida”, exprimindo um sentido existencial.

Relevante para o escrutínio da vida na medicina antiga é a noção de *zoé*, aferida em dórico *zóa* (com ômega) e *zóa* (com ômicron), entendida, de acordo com Pérez, como a “propriedade do ser vivo”, “vida”, por oposição à morte, distinguindo-se de *bíos*, que define, conforme salientado, “a duração de vida”, “o modo de viver”, com suas implicações ontológicas. Já *zôon*, seguindo Chantraine, designa o animal, referindo-se também às plantas e ao próprio homem enquanto seres vivos, discriminado em Heródoto e no jônico-ático, significando, em contextos específicos, imagem, representação, pintura, mas, não precisamente, o animal. Sua forma substantivada ocorre previamente em Simônides, sendo frequentemente empregado no período clássico. Em *Sobre as articulações*, verifica-se uma preclara associação entre a natureza dos homens, *phýsis anthrópou*, e a dos demais animais, *tôn allon zôon*, uma vez que o genitivo plural, para Pérez, indica não exclusão, mas inclusão. Texto precípuo para aferição do campo semântico de *zôon* é *Sobre a dieta*, pleno de recursos retóricos, em que se observam na estrutura da frase, cujo sujeito é o fogo (*tó pûr*), traços estilísticos na correlação entre, de um lado, os genitivos plurais *zôon* e *entróphon* e, de outro, o substantivo *trophón*, *nutriz de vivos e rebentos*, conformando as figuras de linguagem relativas à paronomásia e à aliteração. Pérez circunscreve a noção de *psykhé*, demonstrando sua relevância para se pensar a conformação da vida nos textos antigos e seu registro no corpo médico. Retomando Chantraine, *psykhé* significa sopro, respiração, alento, força vital, vida, vocábulo aferido em Homero, tendo um evidente sentido ligado às atividades fisiológicas. Configura-se, para a autora, como a alma do ser vivo, sede de seu pensamento, emoções, desejos, formulada por Píndaro, Heródoto, Tucídides, Platão, referindo-se, por conseguinte, à individualidade, correlata ao princípio intelectual, à sua *persona*, especialmente nos trágicos, Platão e Aristófanes, podendo designar também escravo ou animal, a parte imaterial e imortal do ser, notadamente em Píndaro, Heródoto, nos trágicos e em Platão, em que se constitui uma excelsa psicologia ética. No que tange ao *corpus* hipocrático, o vocábulo aparece em *Sobre as articulações* como genitivo singular com artigo precisado por *perí*, vinculado a *kíndynos*, conformando a oração nominal, exprimindo que a *vida corre perigo*. Pérez infere que na referida passagem o término *psykhé* se refere à vida como um princípio biológico, não à alma, no sentido estrito de que se pode perdê-la, reforçado pela presença de *kíndynos* assim como pelo verbo *thnéiskousi*, “morrer”, adveniente de coma profundo, no final da sentença.

Dentre as várias formas nominais e verbais correspondentes à noção de morte, destaca-se *thánatos* e sua família léxica. Pierre Chantraine minudencia o substantivo masculino, combinado em mais de vinte adjetivos, cuja maior parte é tardio como *athánatos* em Homero, *epí-* em Hipócrates, *dys-* em Eurípidés e também no *corpus* hipocrático, *euthánatos* e *euthanasía*. Em Êsquilo, por sua vez, aparece como *thanatophóros*, causador da morte, e por razões rítmicas a forma *thanatephóros*, ao passo que *thanatódes*, signo da morte, mortal, é aferido em Hipócrates, *thanatésios* em Sexto Júlio Africano. Pérez aborda a análise de *thánatos*, realizando a distribuição por tratados, seguindo a ordem alfabética do *Index Hippocraticus*, a fim de organizar adequadamente o estudo do léxico amplamente utilizado no *corpus*. Em *Sobre a dieta nas enfermidades agudas* (5), verifica-se o substantivo nominativo

plural, precedido de artigo, articulado com o adjetivo *takheís*, cuja posição sintática no começo da frase revela um uso enfático, contrastando com o verbo, situado no fim da frase, *takheís hoí thánatoi tón toioúton gígnontai*, as mortes de tais [enfermos] são rápidas. No mesmo tratado a pesquisadora evidencia uma conspícua passagem que demonstra os signos que carregam a morte, uma vez que *thánaton*, sem artigo, é regido por *semaínei*, tendo sido mencionadas *tà semeía* no começo da oração, indicando, precisamente, que se trata de identificar os signos da morte, *tà dè semeía he mèn mélana diakhóresis thánaton semaínei*. Inovação hipocrática, *takhuthánatos* é posteriormente registrado em Galeno, Doroteu de Sídon, Hesíquio. Nos *Aforismos*, o vocábulo, coordenado com o sujeito, um adjetivo substantivado, *hoí pakhéas*, os obesos, aparece como predicado nominal, *takhuthánatoi*, em uma construção comparativa analítica com *mállon*, cujo segundo termo da comparação se liga aos delgados, *tón iskhmón*. Em *Epidemias*, o referido adjetivo se conecta com o sujeito *énioi* em uma oração nominal pura, havendo o genitivo partitivo *toúton*, que Pérez analisa como um anafórico ligado ao sujeito, *alguns deles morrem rapidamente*, divergindo fortemente da interpretação de Littré.

Detalham-se formas verbais compostas de pré-verbos, exemplificado por *synapothnéisko*, atestado no século V em Heródoto. A pesquisadora estabelece a ordem de frequência com que o composto aparece; dezesseis vezes como *synapothnéiskei*, enquanto as formas *synapothnéiskousin* e *synapothnéiskein* são aferidas apenas uma vez. De acordo com o *Index Hippocraticus*, o sujeito de todas as formas mencionadas são as enfermidades (*nosémata*), referindo-se, na maior parte das ocorrências, aos anciãos, como se pode deduzir numa passagem dos *Aforismos*, em que o sujeito vem acompanhado do adjetivo *khrónia*, conformando as enfermidades crônicas, de modo que o prefixo *syn-* indica a ideia, para a autora, de complemento da ação. Na sentença em *Aph. 2. 39*, *hoi presbútai tón néon tà mèn pollá noséousin hēsson*, os anciãos em geral, adoecem menos que os jovens, *tà pollá*, com sentido adverbial, surge no século V com Heródoto, Górgias, Tucídides, Demócrito e no *corpus* hipocrático. Se Hipócrates aduz que os anciãos são menos suscetíveis de contrair enfermidades, é contrariado por Galeno e Teófilo. Criação do período clássico, anuído em Tucídides e Heródoto, o verbo *enapothnéisko* é observado em construções similares nos tratados *Sobre as enfermidades da mulher* e *Sobre a natureza da mulher*, a fim de se tratar dos pesados purgantes, capazes de provocar o advento da menstruação e facilitar a concepção dos embriões. Em *Sobre a natureza da mulher* (109), lê-se *metréon kathartikón, hokótan paidíou enapothanóntos haíma emméne*, purgante da matriz, quando o rebento morre dentro, verte sangue, apontando para a morte do feto no interior do útero materno.

Vida y muerte en el Corpus Hippocraticum configura uma obra paradigmática na exegese e nos estudos filológicos dos tratados médicos da Antiguidade Clássica. Partindo dos instrumentos léxicos apropriados, *Concordantia in Corpus Hippocraticum* e *Index Hippocraticus*, e do exame direto das melhores edições, a autora se detém nas numerosas peculiaridades fonéticas, morfológicas, sintáticas e estilísticas das passagens hipocráticas em que aparecem os vocábulos pertencentes ao campo semântico da vida e da morte. Tendo estabelecido fidedignamente o texto, com o apoio das mais excelsas edições, traduções e comentários,

assim como de dicionários mais recomendados, a autora formula a sua versão, a mais ajustada e literal possível. Pérez visa se afastar de uma pretensa ambiguidade e vagueza presente em certas traduções, que, privilegiando a busca por uma linguagem poética, descarta a evidência e clareza necessárias para a leitura e interpretação dos textos de natureza científica. Na *Quellenforschung* propugnada pela pesquisadora, a natureza textual visa associar os recursos retóricos e estilísticos à univocidade dos sentidos, resgatando a semântica inovadora do *corpus* hipocrático ao rico material linguístico de sua época. Realizando um exaustivo trabalho de escrutínio filológico, que colige a completude do *corpus*, tornando-se modelar para os Estudos Clássicos, Pérez recolhe noventa e uma inovações léxicas discriminadas no *corpus* hipocrático, ressaltando, destarte, vinte e nove inovações correlatas ao campo semântico precípua de vida e morte.

